

"Portugal recebeu cinquenta milhões e meio de dólares pelo Plano Marshall" in O Século (30 Dezembro 1951)

**Source:** O Século. dir. de publ. João Pereira da Rosa. 30.12.1951. Lisboa.

**Copyright:** All rights of reproduction, public communication, adaptation, distribution or dissemination via Internet, internal network or any other means are strictly reserved in all countries.

The documents available on this Web site are the exclusive property of their authors or right holders.

Requests for authorisation are to be addressed to the authors or right holders concerned.

Further information may be obtained by referring to the legal notice and the terms and conditions of use regarding this site.

**URL:**

[http://www.cvce.eu/obj/"portugal\\_recebeu\\_cinquenta\\_milhoes\\_e\\_meio\\_de\\_dolares\\_pelo\\_plano\\_marshall"\\_in\\_o\\_seculo\\_30\\_dezembro\\_1951-pt-4412d486-38b9-4b6b-9bdd-de41b67667a1.html](http://www.cvce.eu/obj/)

**Publication date:** 19/09/2012

## Portugal recebeu cinquenta milhões e meio de dólares pelo Plano Marshall

LONDRES, 29. – A Grã-Bretanha recebeu o maior auxílio, em dólares, nos termos do programa Marshall, segundo números compilados pela E.C.A. Foram as seguintes as verbas para os vários países: Grã-Bretanha, 2.825 milhões; França, 2.455; Alemanha ocidental, 1.317; Itália, 1.314; Holanda, cerca de 1.000 milhões; Áustria, 586; Bélgica e Luxemburgo, 566; Dinamarca, 266; Grécia, 569; Irlanda, 146; Islândia, 26,5; Noruega, 241; Portugal, 50,5; Suécia, 118,5; Turquia, 167; e Trieste, 33. Além disso, foram concedidos 59 milhões à Iugoslávia, para aliviar uma grave crise alimentar, em princípios de 1951, e destinados 350 milhões à União Europeia de Pagamentos, para promover o comércio intereuropeu.

A E.C.A. também despendeu cerca de 250 milhões para auxílio económico de várias espécies à China nacionalista, Indochina, Birmânia, Filipinas, Indonésia e Tailândia.

Os governos europeus tiveram de entrar com cerca de 9.000 milhões de dólares, nas suas moedas, para compensar os dólares livres americanos. Essas verbas entraram para o chamado «fundo de contrapartida» destinado a projectos específicos de restabelecimento, que os Estados Unidos tinham de aprovar antecipadamente. – (R.)

### **Acaba hoje o Plano que desde 1947 despendeu 12.000 milhões de dólares para elevar em 64% a produção industrial da Europa**

PARIS, 29. – Termina hoje o Plano Marshall, seis meses antes da data prevista. Este Plano despendeu 12.000 milhões de dólares, mas conseguiu que a produção industrial aumentasse 64 por cento relativamente a 1947 e 41 por cento em confronto com o nível de antes da guerra.

Este Plano significou dinheiro, empregos, alimentos, lares, navios e fábricas para dezoito nações da Europa ocidental ameaçadas pelo colapso económico do após-guerra.

A Agência de Segurança Mútua sucede à Administração da Cooperação Económica, que administrou o Plano.

Desde que, em 1947, o militar e estadista americano George Marshall começou o Plano que tem o seu nome verificaram-se os seguintes aumentos impressionantes da produção europeia: aço, quase duplicou; carvão, mais de 27 por cento, embora ainda ligeiramente inferior a antes da guerra; alumínio, mais de 69 por cento; cobre, mais de 31 por cento; cimento, mais de 90 por cento; géneros alimentícios, mais 24 por cento e mais do que antes da guerra. Cerca de noventa por cento dos dólares foram gastos em recuperação industrial e agrícola. Outros oitocentos milhões foram despendidos em fretes oceânicos de mercadorias para a Europa e 450 milhões para dar início à União Europeia de Pagamentos.

Foram consumidas grandes somas em 27 grandes projectos de energia eléctrica e em 32 empresas industriais, a fim de aumentar a produção de ferro e aço da Europa. A produção de petróleo refinado foi expandida e a de fio de algodão aumentada.

Os chefes do Plano Marshall citam estas estatísticas com orgulho, embora a melhor prova de recuperação seja a possibilidade de a Europa poder, agora, aguentar os encargos do rearmamento.

### **Graças ao auxílio do Plano Marshall, a expansão do comunismo no Ocidente foi detida abruptamente e obrigada a recuar.**

Mas o que melhor ilustra a recuperação europeia – diz a E.C.A. – é o facto de a Europa estar habilitada, não obstante os seus tremendos encargos, a tomar sobre os ombros o peso do seu rearmamento.

Muito embora ainda represente uma poderosa força, em algumas posições-chave da Europa, a expansão do comunismo no Ocidente foi detida abruptamente e obrigada a recuar durante os anos do advento do Plano Marshall. Em todos os países as eleições livres revelaram que o partido Comunista entrou na sua curva

descendente, em muitos casos aproximando-se do ponto zero.

Na França e na Itália, países onde o comunismo dominava a massa dos trabalhadores, as perdas sofridas nas fileiras do partido fizeram-no vacilar. Em França, calcula-se que as perdas sofridas pela poderosa C.G.T. foram da ordem dos 500.000 membros. Na Itália, a O.G.I.L. dominada pelos comunistas, perdeu aproximadamente 2.500.000 dos seus filiados.

A visão de uma nova Europa, economicamente forte, unida como nunca antes, mantendo-se na primeira fila das nações livres, começa a tornar-se realidade. – (E.- R.)